

Com a palavra...

CACOS

**Marcelo Luiz Ficher*

Flávio Tavares Siciliano

O Centro Acadêmico de Comunicação Social — CACOS/UERJ — constitui o que se convencionou chamar representação. A priori, então, devemos definir qual o conceito de representação que adotamos, para em seguida falar dos mecanismos usados para exercê-la.

“Politicamente... o representante é um mensageiro destinado a exprimir não a sua opinião ou a sua vontade, mas uma vontade e uma opinião preexistente na comunidade que o designa. Está ele, por isso, adstrito a fazer chegar onde de direito o que os representados querem e, o mais das vezes, prefixam em instruções.”

Manoel Gonçalves Ferreira Filho

A representação denota uma delegação de atribuições que devem convergir para os interesses dos representados. Portanto, é necessário reconhecer as expectativas, os anseios, enfim o perfil do pensamento daqueles que lhe delegaram um mandato, uma missão, um trabalho.

A representação estudantil, cercada de questões delicadas, pauta diversas discussões sobre o seu espaço, a sua área de atuação e, principalmente, o seu grau de influência: teoricamente deve estar onde houver assuntos de interesse dos estudantes, dar voz e voto a esses nos foros decisórios e fazer deles sujeito e alvo das críticas, sujeito e alvo dos destinos da Universidade, na mesma proporção que os demais interessados. Na prática, porém, as dificuldades começam logo, mais precisamente no próprio reconhecimento da função e do valor de se fazer representado.

A formação cultural e educacional que recebemos nos acostuma a fórmulas prontas e acabadas, às quais acabamos por nos inserir mesmo que nos violentem em determinados aspectos. O primeiro grande obstáculo é mostrar ao estudante a importância de se tornar um agente dentro da universidade, e não apenas um receptáculo de informação. Sob os mais variados signos, a

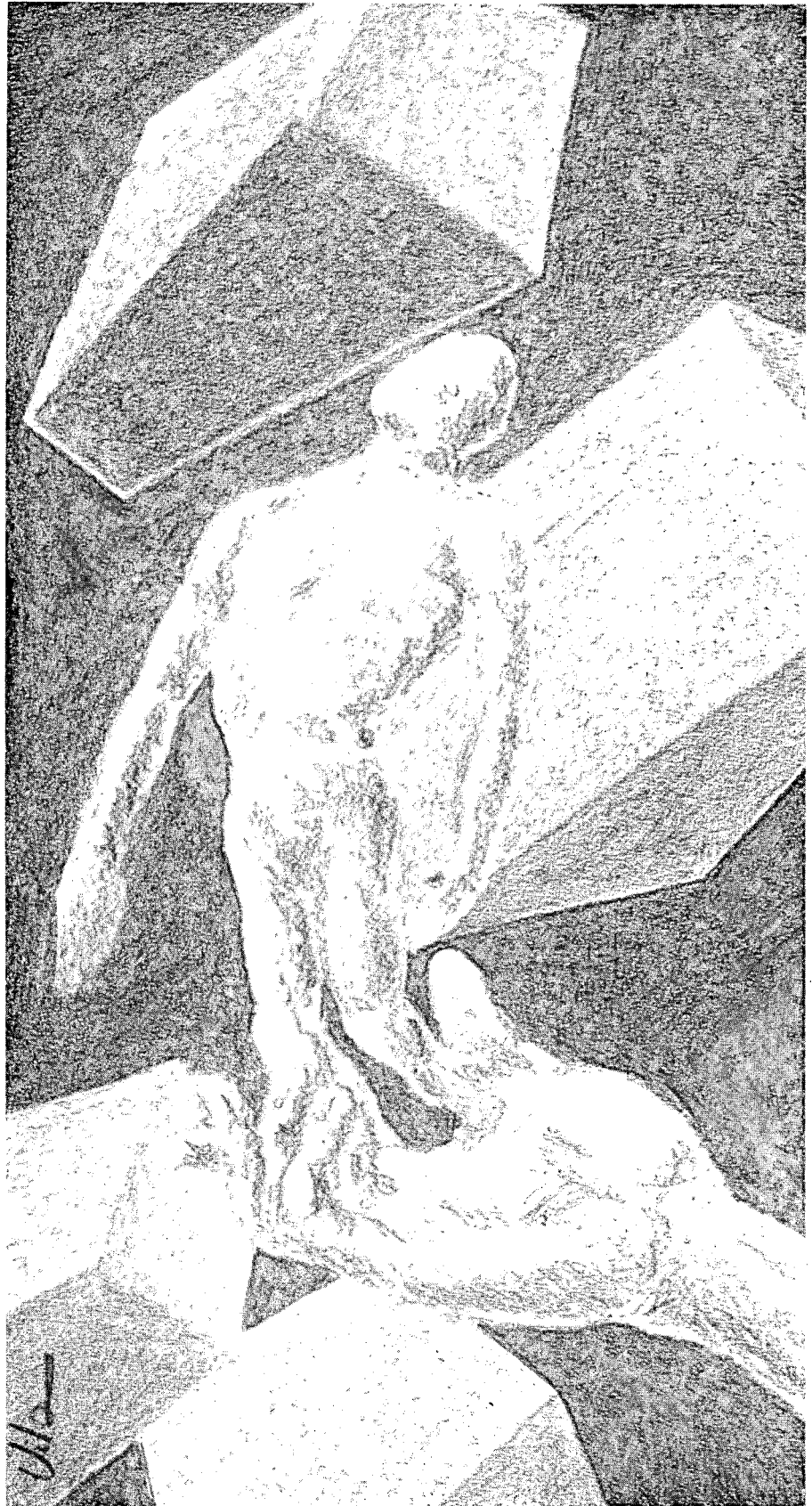


falta de costume em tomar decisões se reflete na relação representação-representado. A falta de participação nas assembléias e reuniões deliberativas, o pouco convívio com a rotina dos C.A.s e a falta de cobrança dos eleitores demonstram claramente a essencial tarefa para o início de qualquer projeto: a conscientização.

A experiência tem nos mostrado que a questão fundamental para o bom exercício está no equilíbrio entre o imobilismo e o paternalismo. Qualquer desses extremos produzirá um desvirtuamento dos objetivos originais da representação estudantil. O primeiro, por omissão, e o outro, por não estimular a participação, não favorecer a discussão e por perpetuar através da entidade uma transferência de responsabilidades geradora de dependência. A busca desse equilíbrio determina a vontade política daqueles que dirigem a entidade. Quanto maior a proximidade, melhores os resultados.

O Movimento Estudantil passa por um momento muito difícil. Convivendo com um ceticismo generalizado — desmotivador ao extremo — deve fazer com que o estudante perceba (e utilize) o seu potencial transformador, intervindo de forma crítica e construtiva na sociedade. Paralelamente, ainda luta pela minimização de questões corporativas, por uma coletividade que favoreça o desenvolvimento de uma política para a universidade. O grande desafio está na **instituição**, ponto de partida para um projeto acadêmico e científico. Mas qual? Qualquer projeto que resgate o sentido social maior da universidade: produção e divulgação do conhecimento, visando o aprimoramento tecnológico e intelectual da sociedade que a sustenta. Que contemple ensino, pesquisa e extensão em qualidade. Que se digne de méritos.

Os Centros Acadêmicos estão na base de toda representação estudantil. As executivas nacionais, regionais e os Diretórios Centrais de Estudantes mantêm canais de contato com os alunos, mas não há proximidade tão intensa quanto os C.A.s. O cotidiano e as especificidades de cada curso geram estreitamento de relações, manifestando a possibilidade de se apontar mudanças mais abrangentes. Poderíamos caracterizar essa visão com a imagem



de um cilindro afunilado em sua parte central (ver figura em anexo).

Essa explanação dimensiona os parâmetros políticos e ideológicos, bem como a visão acadêmica de que se vale o Centro Acadêmico de Comunicação Social.

No último ENECOM (Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social), realizado em São Luís do Maranhão em julho de 1990, foi aprovada a criação da SECUNE (Sub-secretaria dos Estudantes de Comunicação da União Nacional dos Estudantes).

Com a criação da SECUNE, o movimento por melhorias nas Faculdades de Comunicação Social do Brasil se fortalece. A divisão por regiões e a preocupação com a precariedade dos cursos irão, certamente, trazer novos horizontes para a comunicação social no Brasil.

As monografias da FCS/UERJ, por exemplo, são muito pouco divulgadas. O primeiro passo seria colocar as mo-

nografias à disposição de todos os estudantes da universidade.

Dentre as várias propostas da SECUNE, podemos destacar a de integração das habilitações do curso de comunicação social, o que, num futuro próximo, pode vir a dar as Faculdades de Comunicação Social uma posição de destaque dentro da Universidade. Com o fortalecimento dos cursos de comunicação, a divulgação de projetos acadêmicos e científicos pode assumir, de fato, o papel de propulsor da própria universidade.

Vemos o intercâmbio de informações dentro das instituições como uma atribuição dos cursos de comunicação e também a garantia de repercussão e absorção desses projetos pela sociedade, para que a universidade readquira respaldo em sua atuação.

Pode parecer exagero (ou presunção) dar às Faculdades de Comunicação Social uma conotação de tamanha importância. Mas, por se tratar de

uma atividade-meio, a comunicação social é o canal mais qualificado de contato da universidade com os diversos campos sociais. A criação de rádios e televisões universitárias são o exemplo mais claro do poder de influência de que podem se revestir as universidades.

Algumas experiências de rádios universitárias tem sido bastante válidas. As rádios apresentam uma programação alternativa, mostrando o "outro lado" da música e da informação.

Rádio USP, Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás, Rádio Universidade da Universidade Federal do Maranhão são alguns exemplos de emissoras que deram certo. Estudantes e professores, apesar de estarem transmitindo em uma rádio "oficial", trabalham com os movimentos populares e com a perspectiva de democratizar a comunicação.

Os comitês pela democratização da comunicação já começam a atuar junto com o público universitário. Dentro em breve, com a intensificação dessa união, poderemos ter rádios e televisões universitárias e livres espalhadas pelo país.

* FLAVIO TAVARES SICILIANO, 20, coordenador do CACOS/UERJ desde 1988, participa do Movimento Estudantil desde 1985, quando tornou-se presidente do Grêmio do Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral. De lá para cá, participou de inúmeras reuniões, palestras, debates, passeatas, etc. Hoje, além de coordenador, cuida dos assuntos externos do C.A.

MARCELO LUIZ FICHER, 22, coordenador do CACOS/UERJ desde 1989, participa atualmente dos projetos Áudio-UERJ e Núcleo de Memória da Faculdade de Comunicação Social da UERJ. Desenvolve junto com a Prof. Angela Vieira Estves projeto de extensão na área de tributos fiscais e presta Assessoria de Comunicação para a Sociedade de Intercâmbio e Pesquisa com Aplicações Computacionais — SIPAC.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA Fº, Manoel Gonçalves. in Enciclopédia Saraiva do Direito, n.º 65, Edição Saraiva, 1977.
MACHADO, Arlindo. Magri, Caio e Masagão, Marcelo. RÁDIOS LIVRES: A reforma agrária no ar, São Paulo, Brasiliense, 1987.

Resoluções do 1º Encontro Nacional sobre Rádios Livres, São Paulo, 1980.
Resoluções do 2º Encontro Nacional sobre Rádios Livres, Goiânia, 1990.
Resoluções do XIII Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, João Pessoa, 1989.
Resoluções do XIV Encontro Nacional dos Estudantes de Comunicação Social, São Luís do Maranhão, 1990.

